

MIGRAÇÃO E SUBJETIVIDADE: UMA REVISÃO DE LITERATURA SOBRE O PROCESSO MIGRATÓRIO E SUAS IMPLICAÇÕES PSICOSSOCIAIS

Introdução

Tendo em vista a discussão que se desenvolve no estudo da migração e considerando a trajetória científica em que esta está inserida, pretende-se integração de visões científicas sobre a migração internacional através da revisão das teorias da geografia humana, a sociologia, a economia e de publicações que tratem da influência da migração na subjetividade das pessoas e em suas configurações familiares.

Conforme Ribeiro (2012), pessoas de diferentes culturas estão interagindo cada vez mais, principalmente devido à globalização, que se constitui através da reunião de aspectos políticos, sociais, culturais e econômicos de diversas localidades que são transmitidos por todo o mundo através da circulação de coisas, informações e pessoas.

Hall (2006) contribui informando que a globalização possui caráter assimétrico e desconstrói as ideias estabelecidas sobre as identidades nacionais, principalmente por interconectar comunidades e organizações, ocasionando o crescimento de questões (homogeneização cultural, reforço de identidades nacionais, identidades híbridas) múltiplas e por vezes divergentes.

De acordo com o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento - PNUD (2009), enquanto temas como o comércio internacional e as relações políticas entre os países tem vastos estudos acadêmicos, a migração somente agora se estabelece como agenda em destaque. Deve-se desenvolver uma maior preocupação com este campo de estudo que pode representar um ganho para o Estado no aspecto político e econômico, além de se obter a diminuição dos infortúnios a que são expostas as pessoas envolvidas pelo processo migratório internacional.

*Psicóloga Graduada pela Universidade Federal de Roraima. Mestranda do Programa de Pós-graduação Sociedade e Fronteiras da Universidade Federal de Roraima.

As condições em que ocorre o deslocamento e a recepção dos migrantes - ressaltando-se a importância das questões socioculturais - tem fundamental relevância para se entender as condições de desenvolvimento desta população (HELMAN, 2009; PNUD, 2009). Silva (2005) contribui indicando que entre os benefícios da migração relacionam-se o aumento da qualidade de vida (economia, educação, saúde, lazer) e oportunidades para os migrantes, seus filhos e família estendida, representando maior possibilidade de autonomia, de segurança pessoal e social. O PNUD (2009) também verifica que a deslocação significa maior probabilidade de ter acesso a serviços básicos e essenciais, entretanto ressalta as perdas afetivas que ocorrem durante o processo e que podem ser intensas.

Constata-se que as populações envolvidas em situações de mobilidade vivenciam inúmeras circunstâncias que precisam ser analisadas e mensuradas quanto a suas especificidades. É importante o desenvolvimento de políticas públicas que contemplem as deslocações tendo em vista que milhões de pessoas são migrantes internacionais e que isto traz consequências não só para estes como para as populações dos países de origem e dos países de destino.

1 Exposição Teórica sobre o Processo Migratório

Para entender o modo como se estabelecem os movimentos migratórios, assim como os diferentes estilos de encarar o processo de inserção dos migrantes nas sociedades hospedeiras e a manutenção de vínculos com a localidade de origem, é importante apresentar o conjunto das principais teorias que conduzem ao estudo da migração.

Migração é um processo sócio-histórico complexo que subjaz inúmeras transformações e que possui múltiplos condicionantes como fatores históricos, a globalização, redes sociais, o desenvolvimento tecnológico e outros elementos (LEE, 1980; SINGER, 1980; SALIM, 1992). Não há um consenso sobre o conceito de migração, sendo importante destacar que este é um ponto que suscita bastante debate, pois não se consegue incluir em uma definição todas as situações características dos deslocamentos. Roca (2010, p.21) colabora informando que “Los propios conceptos de emigrante e inmigrante serán pronto obsoletos, seremos más bien trasmigrantes, con identidades culturales fluidas, mixtas y múltiples de acuerdo con los diversos contextos en los que viven, antes y después de la partida”.

DeBiaggi e Paiva (2004) entendem que a migração se associa à exposição a uma série de culturas, valores, religiões e estilos de vida, e resulta no questionamento das próprias normas e valores do indivíduo. Salim (1992, p. 121) aponta que a análise de

categorias como distância, tempo e local são essenciais para entender o fenômeno migratório, entretanto ressalta que outras variáveis são agregadas ao conceito e que não se deve limitá-lo a uma “simples mobilidade da força de trabalho”. A este respeito Rocha-Trindade (1995, p. 61) salienta que:

Os movimentos migratórios são movimentos colectivos, cujo impacto afecta o desenvolvimento das populações e não podem ser separados dos factos sociais e culturais que, em larga medida, os determinam. São fenômenos histórica e culturalmente determinados, irreduzíveis a comportamentos objectivos e racionais, quer individuais quer em grupos e obrigam a considerar o estabelecimento de redes de inter-relações entre indivíduos, grupos e sociedades, em contextos com graus de desenvolvimento diversificados, complexos e interdependentes.

Segundo PNUD (2009), a mobilidade internacional, em sua maioria, acontece entre países com níveis de desenvolvimento semelhante. Fato que pode ocorrer devido aos custos desta mudança, a necessidade de recursos e qualificação ou a determinação para correr riscos. Também prevalece a organização para o deslocamento em regiões adjacentes ou fronteiriças, com aspectos socioculturais semelhantes.

Rocha-Trindade (1995) verifica que até finais do século XIX era predominante análise econômica (clássica e neoclássica) no estudo da mobilidade populacional, posteriormente, as grandes teorias do campo social se estabeleceram e passou-se a estudar os aspectos estruturais associados ao deslocamento. De acordo com a autora, o crescente desenvolvimento científico nos últimos 70 anos proporcionou a multiplicação de quadros conceituais relacionados ao processo migratório, também verificam a interdisciplinaridade entre as áreas que se propõem a atualizar ou construir novos modelos analíticos, desenvolvendo estudos que consideram os inúmeros aspectos envolvidos nos fenômenos atuais.

Peixoto (2004) e Rocha-Trindade (1995) enfatizam que inúmeras teorias tentam explicar o processo migratório, sendo que estes modelos concentram-se em dois polos principais, o primeiro relaciona-se a perspectiva da busca de equilíbrio e o outro traz um ponto de vista histórico-estrutural. As teorias relacionadas à busca por equilíbrio trabalham com a ideia de que o deslocamento ocorre em função dos desequilíbrios na distribuição de terras, trabalho, capital e recursos humanos, considera que no processo da migração o indivíduo efetua escolhas racionais em função das suas necessidades (ROCHA-TRINDADE, 1995). O segundo polo de concentração, identificado pela autora como perspectiva histórico-estrutural ressalta que as migrações são processos macrosociais que devem ser analisados no contexto das transformações sócio-históricas em que estão inseridas.

Ravenstein, com as suas *Leis da Migração* no final do século XIX, foi o precursor de estudos sobre os deslocamentos populacionais; Peixoto (2004) e Lee (1980) afirmam que a leitura deste teórico é imprescindível para entender os modelos modernos de atração-repulsão. Ravenstein (1980) defende a ideia de que o deslocamento populacional ocorre principalmente a curtas distâncias e para grandes centros comerciais e industriais, sendo importante verificar, quando se desenvolver estudos sobre migração, os quantitativos de migrantes nos locais de expulsão e nos locais de absorção.

Outras teorias centrais para a perspectiva do equilíbrio são o modelo de atração-repulsão; o modelo microeconômico; as teorias do capital humano e os modelos macroeconômicos (ROCHA-TRINDADE, 1995). Segundo a autora, as principais críticas a estas linhas de trabalho relacionam-se a diferença existente entre estes modelos e a realidade do processo migratório. Neste sentido, Peixoto (2004) ressalta o fato de o mercado não ser livre e a existência de fatores que interferem nas decisões ditas individuais e racionais, sendo importante estabelecer alternativas que permitam visualizar a migração no nível macroestrutural e microestrutural.

Soares (2002) insere a perspectiva histórico-estrutural, modelo inicialmente usado para análise de deslocamentos rural-urbanos, como uma possibilidade de pensar os fluxos migratórios internacionais considerando a existência de *constrangimentos estruturais* no cerne dos deslocamentos. O autor conclui que:

Para esse tronco teórico, a migração é vista como fenômeno (relação, processo) social, no qual a unidade de análise é o fluxo composto por indivíduos de determinado grupo socioeconômico, que emana de estruturas societárias geograficamente delimitadas e não como ato soberano ou soma das escolhas individuais (SOARES, 2002, p.13).

Rocha-Trindade (1995) relata que o enfoque histórico-estrutural tem como principal categoria de análise as correntes migratórias, e está inserido em inúmeros modelos tais como a teoria da dependência; a teoria do colonialismo interno; a análise *centro-periferia* que dá destaque as teorias da nova divisão do trabalho, teorias do mercado de trabalho dualista; da acumulação e do agregado familiar e das redes sociais. A autora destaca como principais categorias de estudo a segmentação do mercado de trabalho, a composição e destino dos movimentos migratórios, dos enclaves econômicos além do estudo das redes sociais.

Não se pode deixar de citar como fator importante na construção do campo de investigação das migrações os estudos da Escola de Chicago, iniciados nos anos 20 e 30, que trouxeram ao foco os processos sociais associados aos deslocamentos e etnicidade. Segundo Sasaki e Assis (2000) entendia-se que os migrantes passariam por

um processo de assimilação estrutural e cultural na localidade hospedeira, abandonando, progressivamente, os valores e normas da localidade de origem; destacam-se o conceito de *melting pot* e cultura emergente além da aplicação do modelo interacionista.

Rocha-Trindade (1995) ressalta que a constatação de que os grupos de migrantes acabam transformando-se em grupos étnicos, mantendo elementos significativos de suas culturas, desfez a ideia de assimilação a uma cultura emergente (*dominante*) e dá destaque aos diferentes grupos, principalmente às minorias, nas localidades hospedeiras.

Sasaki e Assis (2000) esclarecem que, atualmente, no estudo dos deslocamentos internacionais, se traz ao foco a investigação dos locais de origem e destino, considerando as múltiplas relações que os ligam ao migrante e o seu papel no estabelecimento de laços sociais e convivência entre diferentes culturas. Parte-se do pressuposto de que os deslocamentos contemporâneos não se limitam à perspectiva econômica, mas possuem outros elementos determinantes como a estruturação de redes.

Singer (1980) afirma que a migração vai além da motivação puramente econômica e introduz os laços sociais, através de redes de familiares, amigos e conhecidos que são migrantes mais antigos, como um importante fator de atração. Este autor diz ainda que “A adaptação do migrante recém-chegado ao meio social se dá frequentemente mediante mecanismos de ajuda mútua e de solidariedade de migrantes mais antigos” (SINGER, 1980, p. 240). Nessa linha de raciocínio Póvoa-Neto (1997, p. 22) esclarece que:

A presença destas redes de contato contribui para explicar a intensidade dos deslocamentos populacionais mesmo numa situação social em que os diferenciais de renda e de condição de vida se tornam pouco perceptíveis. Tais redes se tornam forças sociais vivas, a estabelecer “pontes” entre os lugares e a permitir o fluxo de informações e de pessoas que fizeram da mobilidade geográfica a sua principal estratégia de sobrevivência.

É relevante enfatizar que a análise da migração centrada nas redes sociais proporciona uma transação entre modelos analíticos macro e microscópicos e uma ênfase nos atores sociais (SOARES, 2002; ROCHA-TRINDADE, 1995). Santos (1997) concorda que a rede pode ser material, onde permite o deslocamento de elementos concretos por diversos pontos, mas também pode ser simbólica, social e política se constituindo através da abstração e favorecendo a globalização. Além disso, o teórico expõe que interligadas por elementos imateriais, as redes ultrapassam fronteiras estabelecidas e hoje são constantes, precisas e velozes fazendo com que as concepções de tempo e espaço sejam revisadas. No que diz respeito às redes sociais

Roca (2010, p.21) complementa que:

El hecho migratorio no es un hecho individual, nadie emigra solo, emigran las redes. En todo itinerario migratorio, desempeña un papel básico la red social del inmigrante. Corresponde a la perspectiva psicosocial mostrar que no hay dos itinerarios migratorios iguales, ya que son inseparables de su propia historia (...).

Sasaki e Assis (2000) confirmam que as redes sociais relacionam-se às múltiplas ligações que se estabelecem entre as sociedades de origem e de destino, além de se constituírem como agendas fundamentais dos estudos contemporâneos sobre os novos fluxos migratórios. Dentro deste contexto, as autoras sugerem que outro ponto de destaque é o transnacionalismo, processo que desponta como uma categoria de análise da migração baseada nas redes construídas em torno do deslocamento entre Estados-nações.

2 Migração e suas implicações psicossociais

A dinâmica migratória implica em processos macroestruturais, como também, em decisões pessoais, familiares e coletivas, estas deliberações envolvem custos, desafios e oportunidades, além de que a inserção em outro contexto sociocultural envolve uma constante ressignificação que tem várias implicações incluindo-se um inegável impacto subjetivo (AVILA, 2007).

A população envolvida nos deslocamentos internacionais traz como características principais o desejo de manter os laços com os países de origem e de por em prática os projetos construídos em relação à localidade de destino (HELMAN, 2009). Woodward (2011) informa que a migração está associada à constituição de identidades plurais que por vezes são contestadas e desestabilizadoras. Bossé (2004) complementa informando que a identidade é um conceito interdisciplinar, está associado à subjetividade das pessoas, lhes permite um sentimento de pertencimento, mas também é conflitiva, pois está sempre em embate entre o ser e o vir-a-ser.

Ao estabelecer contato com pessoas de outra cultura o migrante vivencia uma nova realidade que pode implicar em rupturas no seu modelo de socialização, onde, por vezes, todos os quadros conceituais de seu mundo anterior – configuração familiar, manifestações religiosas, papéis de gênero, ocupações, etc. - não possuem mais o mesmo significado e se faz necessário refletir sobre os parâmetros de referência, sentido e de pertencimento (FERREIRA, 2005; HELMAN, 2009).

DeBiaggi e Paiva (2004) completam que a inserção de migrantes num contexto sociocultural diferente, e quase sempre adverso, é um processo marcado por con-

flitos devido à necessidade de conviver com várias normas, valores e identidades e requer constante negociação.

Segundo Hall (2006), as identidades não funcionam através de binarismos, mas pertencem a fronteiras tênues, que são contextuais, recriando-se de forma dinâmica nas relações que vão se estabelecendo cotidianamente.

Destacar-se que as alterações na vida das pessoas nunca são fáceis de lidar, sendo que os seus efeitos são vivenciados em graus diversos, em conformidade com os sujeitos envolvidos. Em consonância com a ideia proposta, Ferreira (2005; p.21) continua informando que experimentar o conflito faz parte do cotidiano de todo indivíduo e que são fatores sociais e subjetivos que estabelecem a forma como se vai lidar com ele, o autor complementa que:

É interessante lembrar que a palavra “crise” em chinês é formada por dois ideogramas, em que um significa “perigo” e o outro significa “oportunidade”. Há, portanto, a possibilidade dessa crise ser insuperável, devido a uma série de fatores situacionais e internos, assim como a possibilidade de mudança poder significar ampliação do *self* e transformação. Esta advém de um complexo processo de negociação relativo à própria identidade grupal, aos próprios valores, envolvendo questões étnico-raciais, vivência de preconceito, educação dos filhos, relações familiares, questões intergeracionais, de gênero, enfim, uma gama de questões relativas à própria existência humana. Esse desconcerto envolve a vivência da crise psicológica e sua posterior elaboração, quando possível.

Ferreira (1996) constata que o lugar do migrante na estrutura social da localidade de destino, a possibilidade de conviver com outras pessoas da mesma localidade original, e as relações estabelecidas com a população hospedeira são fatores significativos ao se considerar o estudo de aspectos psicossociais de populações migrantes. Verifica-se que o migrante e seus familiares na comunidade de origem e descendentes vivem constante negociação entre mundos de referências culturais distintas, cotidianamente as fronteiras simbólicas são cruzadas e estas pessoas têm que lidar com um duplo quadro de referência, sentido e pertencimento (FERREIRA, 2005).

Segundo Parella (2007), o estudo das relações sociais que vão se firmando com o início do processo migratório e a forma como isso afeta a subjetividade dos atores sociais envolvidos interessa principalmente quando se observa que os estes podem ter a sua configuração familiar alterada. Fernández (2006, p.58) colabora com esta ideia relatando que:

Al emigrar se produce un cambio de medio geográfico, de medio social y de medio humano, objetivo y subjetivo. Pero ¿dónde se ejecutan con mayor intensidad esos cambios?

Cualesquiera sean los niveles de impacto que se quieran enfocar, la familia emerge como espacio, tiempo y lugar preferencial donde se vivencian con mayor intensidad las relaciones humanas, las identidades y las redes sociales, laborales, religiosas, de amistad, de parentesco y transfamiliares en el proceso migratorio.

Pedone (2008) informa que as alterações nos laços familiares podem seguir diversos percursos, mas que se dá ênfase maior ao estudo das redes familiares integradas ao processo de deslocamento. Estes estudos, de acordo com Parella (2007) e Rincón e Pineda (2010), buscam averiguar a existência de práticas transnacionais, enfocando principalmente as relações entre gêneros e gerações, a forma como os migrantes constroem e reconstroem suas vidas, simultaneamente em mais de uma localidade e os estilos de vínculos afetivos mantidos. A respeito da manutenção dos laços afetivos apesar fragmentação de membros da família em diferentes localidades, Fernández (2006, p. 58) evidencia que:

Muchas veces los miembros de las familias no precisan de la convivencia espacial diaria para sentirse parte de la misma red de relaciones. Recrean vínculos de tipo horizontal que se entrelazan en los márgenes del tiempo para cobrar vida dentro de imaginarios colectivos y representaciones sociales que se expresan como contenidos del sentido común y compartido por las familias (...).

Helman (2009) corrobora expondo que os deslocamentos têm múltiplos impactos nas pessoas, que a migração pode conduzir uma família, principalmente quando está reunida na localidade hospedeira, à maior integração, através da necessidade de proximidade, o sentimento de pertencimento, a partilha de lembranças, preservação dos costumes e tradições, ou à desagregação, com a vivência de realidades que são contrárias ao que se tinha como certo, problemas econômicos como o desemprego, e a quebra dos vínculos até então estabelecidos. Woodward (2011, p. 32) trata sobre a vivência de conflitos, isto é, quando o sujeito se vê permeado por demandas, muitas vezes antagônicas, no seguinte comentário:

A complexidade da vida moderna exige que assumamos diferentes identidades, mas essas diferentes identidades podem estar em conflito. Podemos viver, em nossas vidas pessoais, tensões entre nossas diferentes identidades quando aquilo que é exigido por uma identidade interfere com as exigências de uma outra.

Observa-se uma expressiva mudança dos papéis sociais tradicionais a partir da experiência da migração. A mulher adquire uma maior emancipação através do trabalho remunerado, o homem passa a participar mais das atividades domésticas, ocorrem transformações nas concepções de família e de relação entre gêneros; assim

como os jovens migrantes podem desafiar as estruturas tradicionais estabelecidas pelo seu grupo social e adotar novas perspectivas (PNUD, 2009; ROSAS, 2010).

A questão da nova dinâmica com a qual a família deverá conviver pode ser visualizada a partir das possíveis questionamentos e dificuldades que suscitam na vida do migrante. Para Fernández (2006), os conflitos surgem principalmente quando há uma diferença muito grande entre as concepções difundidas no local de destino e no local de origem da pessoa e quando não há flexibilidade para e integrar novas perspectivas de vida aos modelos conceituais já estabelecidos.

Helman (2009) denomina como *inversões* estas interrupções que podem ocorrer nos papéis sociais e na visão de mundo do imigrante. Para o autor, o mais recorrente é que ocorram *inversões de gerações*, onde as relações de poder entre as gerações são muitas vezes trocadas devido a maior facilidade que o jovem encontra para integrar-se e se locomover entre normas diferentes. Assim como, o autor emprega a ideia de *inversão de papéis de gênero*, a participação feminina nas migrações traz oportunidades e desafios para a mulher, implica em possíveis reestruturações socioculturais e psicológicas que atingem diretamente o seu repertório identitário, social, familiar e económico.

Deve-se relacionar, igualmente, a *inversão de tempo*, onde há um arrependimento quanto à decisão de migração e nostalgia do tempo passado; e por fim identifica-se a *inversão de espaço*, que se caracteriza pela ênfase significativa que é dada ao local de origem e não ao espaço onde se fixou residência.

É importante apontar que a *família extensa* é um elemento de destaque nos estudos que fazem a intersecção migração e família, pois se entende que aqueles que permanecem na localidade de origem também são afetados pelo processo migratório e têm um papel ativo neste fenômeno. O PNUD (2009) e Parella (2007) indicam as diversas vantagens proporcionadas, tais como: recepção de dinheiro (“*remessas sociais*”), alterações positivas nas concepções de família, reprodução, emprego, política, ideologia, etc., melhora significativa das condições de vida, principalmente em questões como alimentação, saúde e educação. Os estudos também constatarem que não se deve ignorar que a ausência do migrante vai, em maior ou menor grau, afetar negativamente a família estendida, principalmente quando o deslocamento envolve a separação entre cônjuges e entre pais e filhos, assim como, demonstram que:

(...) os impactos são complexos, apresentam especificidades contextuais e estão sujeitos a alterações com o decorrer do tempo. A natureza e o alcance dos impactos dependem de quem se desloca, de como os migrantes se saem no estrangeiro e da sua tendência de manter os elos, o que se poderá manifestar através dos fluxos de dinheiro, conhecimento e ideias, e na intenção de regressarem em algum momento no futuro (PNUD, 2009, p.71).

Entende-se então que a mobilidade pode representar transformações intensas nas hierarquias sociais, de classe e étnicas tanto entre o grupo dos migrantes quanto na vida dos permaneceram na comunidade de origem. Essas mudanças podem relacionar-se a melhoria na saúde pública, ao estabelecimento de relações mais igualitárias, sem violência ou coerção, ou agravar conflitos que estavam latentes. É imprescindível que se desenvolvam estudos para apurar os encontros e desencontros psicossociais e culturais no que diz respeito à organização familiar, quais as demandas existentes no que se refere às relações familiares, enfocando as repercussões da migração principalmente no relacionamento conjugal, na parentalidade e no contato com a família extensa.

Considerações Finais

A revisão literária realizada aponta para as múltiplas teorias que tentam explicar a migração e as complexas relações estabelecidas durante o processo migratório. Verifica-se que há uma tendência em considerar os constituintes do deslocamento internacional, perpassando aspectos macro e microestruturais, o que possibilita o desenvolvimento interdisciplinar da produção do conhecimento sobre migrações, sendo o estudo das redes sociais um dos destaques.

Os aspectos subjetivos participam deste fenômeno ao se considerar os atores sociais como protagonistas do processo. Sem dúvida há elementos complexos que devem ser visualizados em seus múltiplos constituintes, desde as possíveis rupturas nos sistemas simbólicos da localidade de origem, até a influência na dinâmica das relações familiares.

Efetivamente a migração provoca transformações, e pode ser percebida, num primeiro momento, como um fator de desagregação familiar. Entretanto, a análise dos dados revela que o deslocamento tem vantagens e limitações que são ultrapassadas de acordo com variáveis relacionadas à resignificação de vínculos, a proximidade e manutenção de costumes e tradições, além da forma como se dão as relações com a comunidade do local de destino.

Assim, não se pode pensar a migração apenas como geradora de rompimentos nas relações familiares, ela também possibilita o seu fortalecimento além de que há a perspectiva de estabelecer novos arranjos familiares, como os de gênero, que podem quebrar relações de dominação ultrapassadas e redefinir suas configurações.

Referências Bibliográficas

- AVILA, Carlos Federico Domínguez. O Brasil diante da dinâmica migratória intra-regional vigente na América Latina e Caribe: Tendências, perspectivas e oportunidades em uma nova era. *Revista Brasileira de Política Internacional*. n. 2, p. 118-128, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbpi/v50n2/a08v50n2.pdf>>. Acesso em: 5 abr. 2012.
- BOSSÉ, Mathias Le. As questões de identidade em geografia cultural: algumas concepções contemporâneas. In: ROSENDAHL, Zenir; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). *Paisagens, textos e identidade*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004. p. 157-179.
- DEBIAGGI, Sylvia Dantas; PAIVA, Geraldo José de (Org.). *Psicologia, E/Imigração e Cultura*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004, 278p.
- FERNÁNDEZ, Consuelo Martín. Nuevas direcciones para estudios sobre familia y migraciones. Venezuela. *Revista Aldea Mundo*, nov./abr., v. 11, n. 22, 2006, p. 55-66. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=54302206>>. Acesso em: 12 ago. 2012.
- FERREIRA, Ademir Pacelli.(orgs.) A experiência migrante: entre deslocamentos e reconstruções. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.
- _____, Ademir Pacelli. “A migração e suas vicissitudes: Análise de uma certa diversidade”. 1996. 259 folhas. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) - Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1996. Disponível em: <http://www.fundamentalpsychopathology.org/uploads/files/teses/ademir_ferreira_migracao.pdf>. Acesso em: 18 de junho de 2012.
- HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro, 11.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HELMAN, Cecil G. Migração, globalização e saúde. In: *Cultura, Saúde e Doença*. Porto Alegre: Artmed, 2009, p. 271-295.
- LEE, Everett S. Uma teoria sobre a Migração. In: BNB. *Migração interna: textos selecionados*. Tradução de Hélio A. de Moura. 1t. Fortaleza: ETENE, 1980, p. 89-114. (Estudos Econômicos e Sociais, 4) (Traduzido do original: a Theory on migration).
- PARELLA, Sònia. Los vínculos afectivos y de cuidado em las familias transnacionales: Migrantes ecuatorianos y peruanos em Espana. *Revista Migraciones Internacionales*. v. 4, n. 2, jul./dez., p.151-188, 2007. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/pdf/151/15140206.pdf>>. Acesso em: 31 jan. 2012.
- PEDONE, Claudia. “Varones aventureros” vs. “Madres que abandonan”: reconstrucción de las relaciones familiares a partir de la migración ecuatoriana. *Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*. Ano XVI, n. 30, 2008, p. 45-64. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-8392005000300007&script=sci_arttext>. Acesso em: 15 jun. 2012.
- PEIXOTO, João. As Teorias Explicativas das Migrações: teorias micro e macro-sociológicas. SOCIUS – Centro de Investigação em Sociologia Económica e das Organizações Instituto Superior de Economia e Gestão Universidade Técnica de Lisboa. n. 11. Lisboa: SOCIUS Working Papers, 2004, 36 p. Disponível em: <<http://mim2010.eu/wp-content/uploads/2010/11/joa-peixoto-teorias-explicativas.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2012.
- PÓVOA-NETO, Helion. Migrações internas e mobilidade do trabalho no Brasil atual: novos desafios para a análise. In: *Revista e Experimental*. São Paulo: FFLCH/USP, v.2, mar. 1997, p.11-24.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO – PNUD. Relatório de Desenvolvimento Humano 2009. Ultrapassar barreiras: mobilidade e desenvolvimento humanos. Disponível em: <http://hdr.undp.org/en/media/HDR_2009_PT_Complete.pdf> Acesso em: 15 mar. 2012.

RAVENSTEIN, E. G. As leis da migração. In: BNB. Migração Interna: textos selecionados. Tradução de Hélio A. de Moura. 1t. Fortaleza: ETENE, 1980, p. 20-88. (Estudos Econômicos e Sociais, 4) (Traduzido do original: The laws of migration).

RINCÓN, Luz Adriana González; PINEDA, Jair Eduardo Restrepo. Prácticas de continuidad de los vínculos parentales en las familias transnacionales colombianas en España (Comunidad Valenciana, España - Eje Cafetero, Colombia). Revista Latinoamericana de Estudios da Familia. v. 2, jan./dez., 2010. p. 79-97. ISSN 2145 - 6445. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-8392005000300007&script=sci_arttext>. Acesso em: 15 jun. 2012.

RIBEIRO, Gustavo Lins. SÉRIE ANTROPOLOGIA: Antropologia da Globalização - circulação de pessoas, mercadorias e informações. Vol. 435. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2012.

ROCA, Joaquín García. Enfoque psicosocial e incidencia pública. Las necesarias transiciones. In: La persona más allá de la migración: Manual de intervención psicosocial con personas migrantes. Luisa Melero Valdés (coord.). Espanha: Fundación Ceimigra, 2010, p. 17-29.

ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz. Sociologia das Migrações. Universidade Aberta: Portugal, 1995.

ROSAS, Carolina. Género y transmigraciones al interior del hogar em la posmigración: mujeres y varones peruanos em Buenos Aires. Revista Latinoamericana de Población. n. 5, jan./jul., p. 147-172, 2010. Disponível em: <http://www.alapop.org/2009/index.php?option=com_content&view=article&id=217&Itemid=236>. Acesso em: 31 mar. 2012.

SALIM, Celso Amorim. Migração: o fato e a controvérsia teórica. In: VIII ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS. 1991, Campinas. Anais...Campinas: ABEP, 1992. p. 119-144.

SANTOS, Milton. O tempo (os eventos) e o espaço. In: A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. 4ed. São Paulo: EdUSP, 1997, p. 114-133.

SASAKI, Elisa Massae; ASSIS, Gláucia de Oliveira. Teorias das Migrações Internacionais. GT - Migração: Sessão 3 – A migração internacional no final do século. In: XII Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos Populacionais/ABEP, outubro de 2000, Caxambu. Anais... Disponível em: <http://abep.org.br/usuario/GerenciaNavegacao.php?caderno_id=184&nivel=2>. Acesso em: 11 abr. 2012.

SILVA, Sidney. A migração dos símbolos: diálogo intercultural e processos identitários entre os bolivianos em São Paulo. São Paulo em Perspectiva. v. 19, n.3, p. 77-83, jul./set. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-8392005000300007&script=sci_arttext>. Acesso em: 31 mar. 2012.

SINGER, Paul I. Migrações internas: considerações teóricas sobre o seu estudo. In: BNB. ETENE. Migração interna: textos selecionados. 1t. Fortaleza: ETENE, 1980, p. 211-144. (Estudos Econômicos e Sociais, 4).

SOARES, Weber. Da metáfora à substância: redes sociais, redes migratórias e migração nacional e internacional em Valadares e Ipatinga. 2002. 344 folhas. Tese (Doutorado em Demografia do Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional) - Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Minas Gerais- UFMG. Belo Horizonte, 2002. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/1843/FACE-5NGJ5E/1/weber_soares.pdf>. Acesso em: 18 de junho de 2012.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tadeu da Silva (Org.); STUART Hall; WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais. 10 ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 7-72.